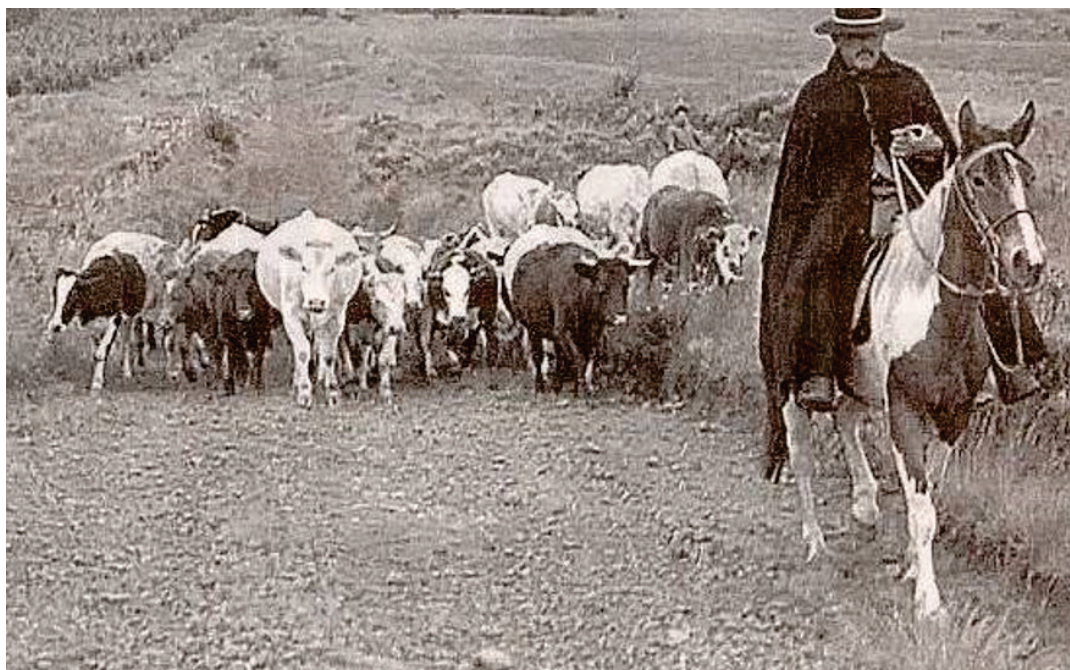




A história dos tropeiros



Em 1555, os irmãos Vicente e Cipião Gois introduziam o gado no Paraguai, de onde algumas cabeças foram transferidas para as margens do Paraná e do Prata, daí espalhando-se para os campos rio-grandenses. Os jesuítas das reduções, por sua vez, introduziram o gado para sustento dos seus índios cristianizados. Daí por diante, nas primeiras décadas de 1600, o gado foi disseminando-se pela campanha, sendo a seguir introduzido na região litorânea entre Rio Grande e Tramandaí. As inúmeras manadas de bovinos, mueres, cavalares, encontradas nos campos do Continente de São Pedro pelos exploradores, constituíam nova fonte de riqueza nada inferior aos canaviais do nordeste e às minas de ouro e diamante do centro do Brasil. Explorar esta riqueza valia mais do que o comércio do contrabando, que se operava junto ao estuário do Prata. Além da exploração do couro e do sebo do gado vacum, surgiria depois o comércio de mulas para o vale do rio São Francisco. Faltava agora transportar para lá. Era uma empreitada difícil, uma vez que pelo litoral, desde Laguna, tornava-se impossível abrir caminho, em virtude das escarpas intransponíveis ali existentes. A única alternativa seria

uma estrada pela serra.

Surge então a legendária figura de Cristóvão Pereira de Abreu, um nobre fidalgo português, da família do Condestável Nuno Álvares. Emigrou ainda solteiro para o Rio de Janeiro, por volta de 1700. Aos 42 anos arrematou, em leilão promovido pelo Rei, o monopólio de couros do Sul do Brasil, pagando o imposto anual de 70.000 cruzados. Transformou a Colônia do Sacramento no maior empório mundial de comércio e contrabando de couro ao exportar 500.000 peças por ano. Um dos primeiros estancieiros e sesmeiros do Rio Grande do Sul, foi também o primeiro tropeiro a transportar tropas para o mercado das minas de ouro do centro do Brasil. Associou-se então ao lagunense Francisco de Sousa Faria, com a finalidade de abrir um caminho pela serra, desde o Morro dos Conventos, em Araranguá, até Sorocaba, cruzando pelos campos de Vacaria e Lages, em 1727.

Leia mais na Página 03

DATAS COMEMORATIVAS

1 de Janeiro / Dia Mundial da Paz

O Dia Mundial da Paz é comemorado em quase todo o mundo em primeiro de janeiro. Nesse dia, as pessoas trocam votos de alegria, de paz e de felicidade para o ano que se inicia. Tradicionalmente as pessoas ficam acordadas até a meia-noite do dia 31 de dezembro, quando se comemora com muita festa a virada do ano. Esse dia foi criado em 1968, pelo Papa Paulo VI, para que fosse celebrado pelos verdadeiros amigos da Paz, independente de credo, raça, posição social ou econômica.

30 de janeiro / Dia da Saudade

Você sabia que a palavra saudade existe apenas nas línguas portuguesa e galega? Seu significado pode ser bastante amplo e define o sentimento de falta de alguém ou de algum lugar. É o dia para lembrar-se dos parentes e amigos queridos que já tenham partido ou moram longe, de fatos já vividos, lugares já visitados e objetos que de alguma forma tenham marcado nossas vidas. Esse sentimento é tema de muitos poemas, músicas e filmes. Não há quem não tenha sentido saudade de algo ou alguém na vida. Aproveite este dia para matar a saudade de alguém que esteja longe, de algum lugar, ou algo que te desperta esse sentimento!

Outras:

- 01-Confraternização universal / Dia Mundial da Paz
- 02- Dia da Abreugrafia
- 04- Dia Mundial do Braille
- 05- Criação da 1ª Tipografia no Brasil
- 06 – Dia de Reis – Folia de Reis / Dia da Gratidão
- 07 – Dia do Leitor
- 08- Dia do Fotógrafo
- 09- Dia do Fico(1822)
- 11- Dia Internacional do Obrigada
- 15 – Dia Mundial do Compositor
- 18 – Dia Internacional do Riso
- 20 – Dia do Farmacêutico
- 21- Dia Mundial da Religião
- 24 – Dia da Constituição / Dia Nacional dos Aposentados
- 25 – Criação dos Correios e Telégrafos no Brasil(1663) / Dia do Carteiro
- 30 –Dia da Saudade
- 31- Dia Mundial do Mágico / Dia da Solidariedade

CRUZADINHA

1 – Na história da mulher, o que sobrava para ela era o recato e a rotina das práticas

2 – Segundo Severo de Lá Brito, a mulher julgava ser seu dever acomodar-se bem as condições do

3 – Como eram feitos os casamentos antigamente?

4 – A mulher indígena exercia trabalhos domésticos com muito

5 – O _____ era um costume da índia Caingangue: quando grávida o marido é que se deitava na rede gemendo, chorando e, depois que a criança nascia, guardava a rede por vários dias

6 – O trabalho principal da mulher _____

era de cozinheira, doceira, costureira, ama-de-leite dos meninos brancos.

7 – As escravas com boa saúde e possuidoras de leite da melhor qualidade serviam como _____.

8 – Nas primeiras décadas do século XIX, o comércio funcionava a base da _____ de mercadorias.

9 – O folclore da mulher é cercado por _____.

10 – Segundo a simpatia, para a criança ter bom sono, deve-se colocar um galho de _____ em baixo do travesseiro.

11 – Segundo Antonio Augusto Fagundes, a _____ é a rainha para a menina.

12 – A _____ é a pessoa que faz as benzeduras.

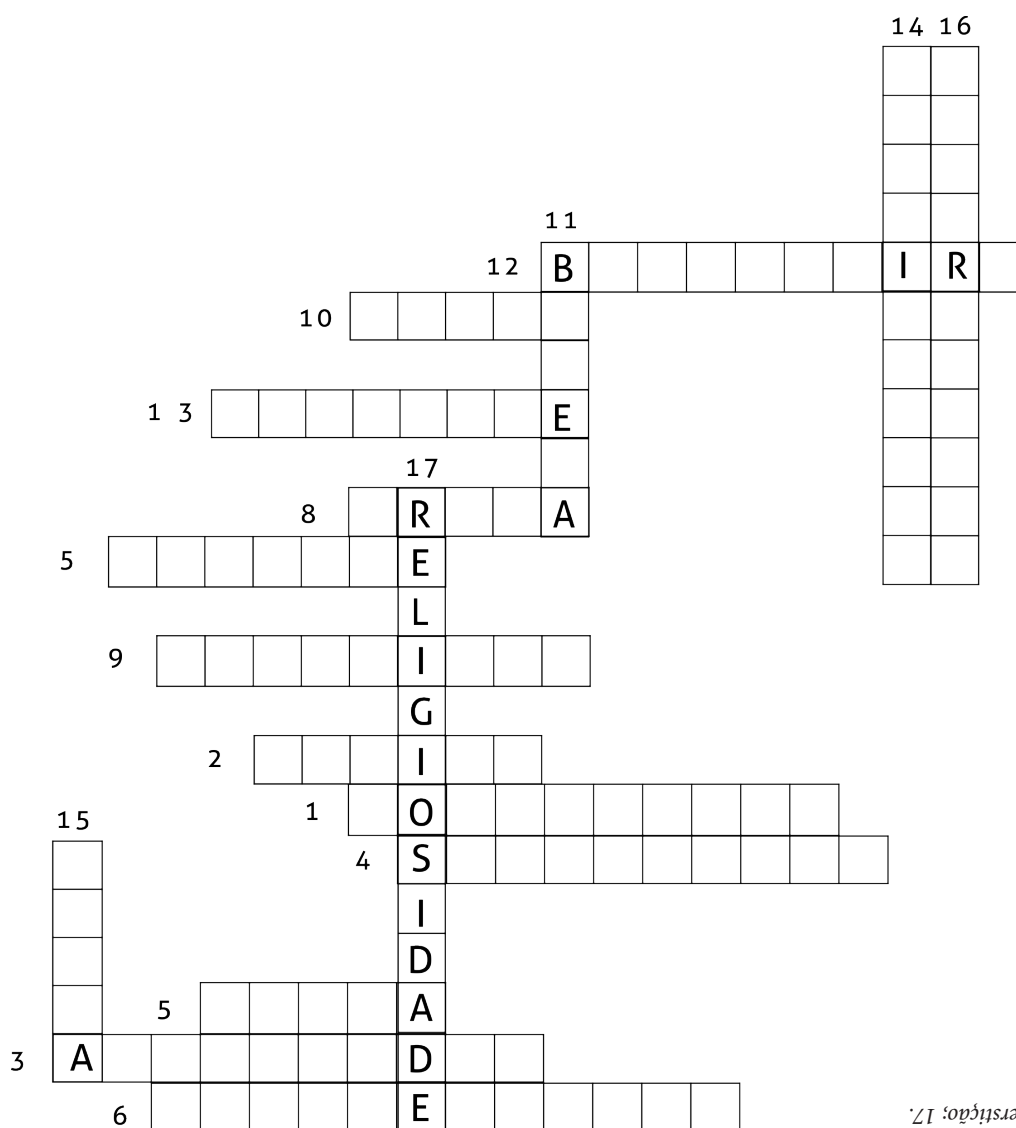
13 – Tudo que o homem crê, mas não teme, chama-se _____.

14 – as crianças expressam seus _____ com suas brincadeiras.

15 – Quem nasce com o dom de benzer, só pode passa-lo para sua _____.

16 – Não guardar objeto quebrado dentro de casa, porque dá azar é uma _____.

17 – As primeiras mulheres brancas que chegaram ao Rio Grande do Sul foram as açorianas. Destas mulheres ficou a _____.



RESPOSTAS: 1. Domésticas; 2. Marido; 3. Arrependimento; 4. Sacrifício; 5. Covade; 6. Negra; 7. Amadurecida; 8. Troca; 9. Crenças; 10. Pojo; 11. Boneca; 12. Benzedura; 13. Crença; 14. Sentimentos; 15. Filha; 16. Superstição; 17. Religiosidade.

EXPEDIENTE

Informativo integrante do Eco da Tradição, edição 197, de janeiro de 2018. Publicação da Vice-presidência de Cultura do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Responsabilidade técnica: Anijane Valela. Fontes: www.google.com.br/datas+comemorativas+do+de+janeiro; www.smartkids.com.br/data.8-janeiro.....; *MTG 50 anos - *Coletânea Tradicionalista; *Livro: O Folclore da Mulher – Crenças e Superstições, Priscila dos Santos Peixoto; *www.mtg.otg.br/congresso; *História do RS, Fidélis Dalcin Barbosa

A história dos tropeiros

Foi pelo caminho pela serra, desde o Morro dos Conventos, em Araranguá, até Sorocaba, cruzando pelos campos de Vacaria e Lages, que Cristóvão Pereira de Abreu em 1729 conduziu a primeira leva de centenas de cavalos e mulas. Na segunda viagem, que durou 14 meses, com 130 tropeiros, levou 3.000 animais à Feira de Sorocaba. Encurtando caminho, Cristóvão Pereira, nos anos de 1731 e 1732, abriu a famosa estrada ligando os campos de Viamão a Lages, através do vale de Rolante. Ao longo desta estrada foram então surgindo povoados, como Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Vacaria... Por ordem de Gomes Freire de Andrada, o tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu, a partir de 1736, com 160 homens, durante cinco meses, dominou todo o sul do Continente, edificando fortificações, com o objetivo de repelir um eventual ataque dos castelhanos e preparando ambiente para a fundação oficial do Rio Grande do Sul, pelo Brigadeiro, José da Silva Pais, no histórico dia 19-2-1737. Ainda por ordem de Gomes Freire de Andrada, Cristóvão Pereira de Abreu, em 1738, abria o caminho das tropas para as Missões, ligando Laguna à região pelo Planalto, nos atuais municípios de Bom Jesus, Vacaria, Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Carazinho, Cruz Alta, Palmeira das Missões e outros.

Em 1752, em carta ao Rei de Portugal, Gomes Freire de Andrada fazia referências a esta estrada. O caminho das Missões pelo Planalto fora aberto pelos missionários jesuítas. Por ele passou o bandeirante André Fernandes em 1637, e no ano seguinte Fernão Dias Pais. O caminho atravessava o Mato Português, o Campo do Meio e o Mato Castelhana, nomes que remontam ao tempo das Missões Jesuíticas. Em 1641, passava por esta estrada a bandeira de Jerônimo de Barros. No ano de 1819, João



de Barros, abastado tropeiro paulista, abriu novo pique no Mato Castelhana, por terrenos mais favoráveis e encurtando distâncias. Mas a passagem dos dois matos, situados entre os atuais municípios de Lagoa Vermelha e Passo Fundo, era extremamente perigosa para os tropeiros, em virtude da hostilidade do gentio, que assaltava as caravanas. Em abril de 1835, por exemplo, os índios coroados, no Mato Português, exterminaram a caravana do tropeiro paulista Domiciano de Mascarenhas Camelo, composta de 14 pessoas, salvando-se apenas ele e um filhinho de dois anos, gravemente ferido. Os tropeiros, ao penetrar nesses matos, em geral, contratavam um bugreiro para acompanhá-los e defendê-los contra os possíveis assaltos indígenas.

José Domingos Nunes de Oliveira

O mais temido desses bugreiros foi José Domingos Nunes de Oliveira, que morava junto do Mato Castelhana. Era tão temido dos índios que chegava a afugentá-los com a presença do seu pala de gaúcho, que ele costumava emprestar aos chefes das caravanas ou das tropas de muares. Garibaldi em suas memórias fala dos foges que os bugres abriam nesses matos para assaltar as caravanas de tropeiros. Durante a Revolução Farroupilha, visto como os indígenas eram amigos dos revolucionários e ini-

migos dos imperiais, facilitaram a passagem dos farrapos e obstaculizaram a força de Labatut. Os tropeiros procedentes das Missões, a princípio, cruzavam o rio Pelotas no Passo de Santa Vitória, no atual município de Bom Jesus, onde em 26-5-1780 foi instalado um Registro. Por volta de 1785, os tropeiros, encurtando caminho e fugindo à cobrança do imposto no Registro de Santa Vitória, abriram um passo clandestino na barra do Marombas. Era o Passo do Pontão, nos atuais municípios de Campos Novos e Barracão, na BR-470. Este passo foi oficializado em 1818 pelo bandeirante Atanagildo Pinto Martins.

Passo do Pontão

Em 4-3-1848, o Registro de Santa Vitória foi removido para o Passo do Pontão, que se tornou o mais movimentado de toda a Província, de sorte que a Coletoria do Pontão passou a ser a mais rentável. No ano de 1856, a Coletoria do Pontão rendeu 26:339\$310 réis. Nesse ano já existia o Passo de Nonoai, que fez decrescer a renda do Pontão. O ciclo do tropeirismo prolongou-se por 200 anos, desde Cristóvão Pereira de Abreu até Pinheiro Machado. Ao longo destes dois séculos, os tropeiros escreveram uma das mais heroicas epopeias da História do Brasil. "A vida de tropeiro - escreve F. Abreu de Medeiros, em *Curiosidades Brasileiras* - é, sem dúvida, a mais

cheia de sobressaltos, de inquietações e sofrimentos. Romper sertões extensos, só habitados por indígenas e feras bravias; penetrar até os mais recônditos lugares do Rio Grande, e, se necessário, transpor os limites da Província; ir até os castelhanos em busca da melhor fazenda e de negócio mais vantajoso; voltar debaixo de rigoroso sol e copiosas chuvas com uma tropa de quinhentas, oitocentas ou mil bestas; correr a extensão dos campos; entranhar-se pelas espessas matas após aqueles animais que fogem da ronda, que se extraviam e morrem continuamente, e que, por um pequeno descuido, se entreveram com tropas de outros donos; atravessar com grande risco de vida os rios caudalosos que cortam as estradas; comer ao romper do dia e à noite o mal cozido feijão de caldeirão e o velho churrasco, saboreando também o infalível e proverbial mate-chimarrão; ver-se obrigado, pela falta de uma barraca, ou pela impossibilidade de armá-la, dormir ao relento, sem outro teto mais que a abóbada celeste, estendido à beira de um arroio, sobre um chão duro, apenas forrado de xerga e carona, repassado de suor do matungo lerdo e cansado, tendo por travesseiro o lombilho, único arrimo que se conhece por esses despojavados por amparar a cabeça e um pobre corpo alquebrado pelas fadigas do dia..."

O tráfego de muares entre o extremo-sul e as regiões do centro do Brasil constituía uma das maiores fontes de rendas da província de São Paulo, em virtude da cobrança de imposto per capita durante o caminho e na Feira de Sorocaba. Nesta feira, nos anos de 1855 e 1860, foram comercializadas anualmente cem mil muares.

Por Fidélis Dalcin Barbosa

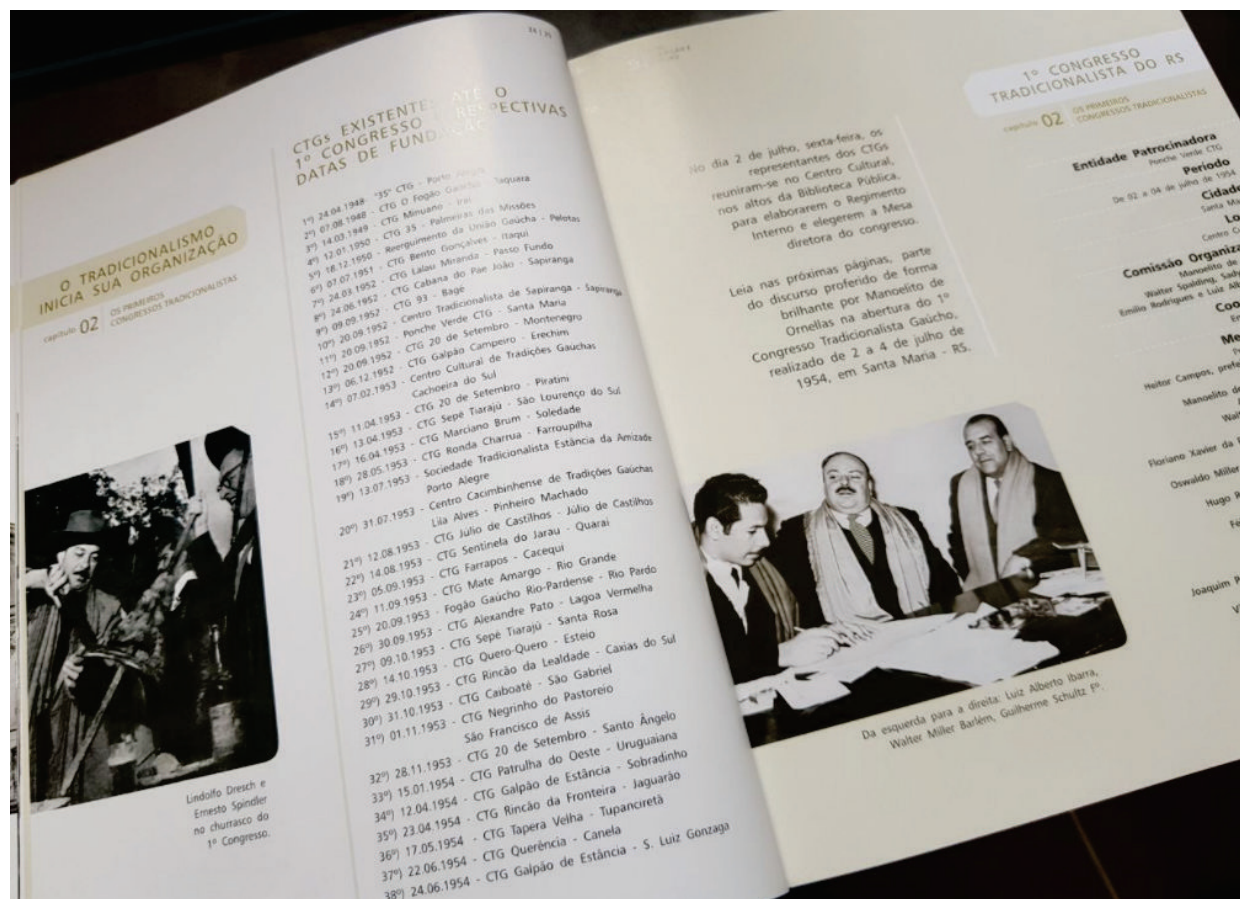
Histórico dos Congressos Tradicionalistas

É inegável a importância dos congressos tradicionalistas para a criação de um "sistema" organizado do tradicionalismo gaúcho. Se a criação do "35" CTG foi a grande largada para o Movimento Tradicionalista Gaúcho, gerando o aparecimento dos CTGs em todos os rincões, o primeiro Congresso foi o passo inicial para a formação de uma federação destes CTGs. Sem os congressos tradicionalistas não haveria condições de serem estabelecidos e mantidos padrões homogêneos, princípios comuns e a fundamental troca de experiências e interação entre as entidades que surgiram, muitas vezes sem saber exatamente o que fazer. Podemos dizer que os congressos foram e, continuam sendo, a argamassa que possibilitou a edificação do MTG.

Na cidade de Pelotas, Fernando Brockstedt, Ubirajara Timm e Oswaldo Lessa da Rosa convocaram uma Assembleia Tradicionalista, que foi realizada em dezembro de 1952, com a presença de representantes de sete Centros de Tradições Gaúchas. Neste encontro ficou aprovada a ideia de realizar um Congresso Tradicionalista e criar uma federação de entidades tradicionalistas do Rio Grande do Sul.

Fernando Brockstedt trabalhou na elaboração do anteprojeto do estatuto dessa federação e distribuiu cópias aos CTGs que participaram da assembleia em março de 1953. Era o primeiro passo para o 1º Congresso, bem como da criação do MTG, que se concretizaria somente 14 anos depois.

Simultaneamente espalhou-se através da imprensa para todo o Estado a realização do pretendido congresso. Em Erechim, o professor Hugo Ramírez havia fundado o CTG Galpão Campeiro, em Bagé, Jaime Tavares causava entusiasmo com o CTG 93. Rapidamente outras entidades eram fundadas: Cachoeira do Sul, Piratini, Soledade, São Lourenço do Sul, Farrouplha, Rio Grande (reerguimento do Mate Amargo entidade fundada em 1934), Pinheiro Machado, Porto Alegre (Estância da Amizade), Quaraí, Cacequi, Júlio de Castilhos, Rio Pardo, Esteio, São Gabriel, Canela, São Francisco de



Fonte de pesquisa: livro dos 40 anos do MTG apresenta informações completas sobre os primeiros congressos

Assis, entre outros.

O jornalista Sady Scalante, da União Gaúcha, nesta ocasião, transferiu-se de Pelotas para Porto Alegre e passou a liderar os preparativos. Foi agendada para novembro de 1953, em Rio Pardo, uma segunda Assembleia Tradicionalista, que se realizou no CTG Fogão Gaúcho Rio-pardense.

Nesta assembleia surgiram as primeiras dificuldades, especialmente no transporte e hospedagem dos participantes. Emílio Rodrigues, do Ponche Verde CTG, disse que Santa Maria assumiria o evento. Ficou então decidido que seria em Santa Maria, no Ponche Verde CTG, com o apoio do CTG Mate Amargo de Rio Grande, CTG Sepé Tiaraju de São Lourenço do Sul e CTG Lalau Miranda de Passo Fundo. Como organizador, a União Gaúcha de Pelotas.

Barbosa Lessa reuniu-se em dezembro de 1953 com Sady Scalante, Emílio Rodrigues e Fernando Brockstedt, ponderando que o "35" CTG, como pioneiro e por localizar-se na capital, não poderia ficar de fora da organização. Assim, procuraram um dos intelectuais mais conceituados do

momento, Manoelito de Ornellas. Do encontro resultou a formação de uma comissão organizadora de cinco membros: Manoelito de Ornellas e Walter Spalding ("35" CTG), Sady Scalante e Luiz Alberto Ibarra (União Gaúcha de Pelotas) e Emílio Rodrigues (Ponche Verde CTG). De imediato marcaram a data do Congresso para o período de 2 a 4 de julho de 1954.

O 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho, que aconteceu em Santa Maria, no ano de 1954, não foi um simples encontro dos 38 CTGs existentes na época, foi muito mais, pois reuniu mentes brilhantes como Manoelito de Ornellas, Luiz Carlos Barbosa Lessa, Luís Alberto Ibarra, Getulio Marcantonio, Lauro Rodrigues, Hugo Ramirez, Ruy Ramos, Paixão Cortes e muitos outros. Neste congresso de 1954 foram apresentadas teses que transcendem o tradicionalismo, como a de Barbosa Lessa: "O sentido e o valor do tradicionalismo", ou "a importância da reforma agrária", de Ruy Ramos, ou mesmo, "Os valores morais do Gaúcho", de Oswaldo Lessa da Rosa. Foi no primeiro congresso que Getulio Marcantonio apresentou a moção para a criação

da Carta de Princípios, sete anos dela ser ajustada definitivamente. E nesse tempo, Glaucus Sarai-va nem fazia parte do grupo que iria elaborar o documento máximo do Movimento Tradicionalista. Também foi nele que Fernando Brockstedt, da União Gaúcha de Pelotas, apresentou a ideia de uma federação para unir os CTGs do estado. Manoelito de Ornellas, em seu discurso de abertura do 1º Congresso, do qual foi presidente, dizia: "Vamos dar aos nossos centros finalidades mais amplas no campo moral e do espírito? Torne-mo-los escolas práticas de civismo e moral, pelo prêmio dos aplausos às virtudes reveladas e pelo ensinamento constante de quanto possa dar a nossa gente um nível mais alto de espírito e uma mais sólida estrutura de caráter. Cada centro poderá ser um núcleo de irradiação cultural, no ensino da história, da caracterização do nosso folclore, no estudo da literatura e na prática do teatro." Frase do Manoelito de Ornellas: "Os gestos desses moços têm outra transcendência que um simples exibicionismo bairrista ou a satisfação de uma relefantasia regional".